

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón  
Milão, 20 de novembro de 2013**

*Texto de referência: J. Carrón, “Como nasce uma presença?”,  
publicado em Passos, n. 153, novembro, 2013, pp. 23-28.*

- *You*
- *Liberazione n. 2*

*Glória*

**Carrón:** Tínhamos dado como trabalho a segunda parte do texto da Jornada de Início de Ano. Começo lendo uma das questões que surgiram na última reunião, que nos permite ir adiante: “Fui tocado por muitas coisas na última Escola de Comunidade, mas num determinado momento uma coisa me surpreendeu, quando você perguntou: ‘Como acontece, como reacontece, mesmo para aquelas pessoas que em um certo momento podem ter dificuldade e, participando do mesmo gesto, não experimentaram a sua vibração?’”. Eu já estava pensando em todas as coisas negativas possíveis: é claro, não reacontece porque você está na posição errada, está fechado, por isso não vê as coisas. Mas você me surpreendeu dizendo: ‘É o desígnio de Deus [...] que [...] dá a graça a uma pessoa para que continue a acontecer diante de nossos olhos, para que por meio dela, por meio do seu testemunho possa chegar também aos outros o mesmo eco do início’. Fiquei surpreso, mas não diminuí o problema, talvez por causa do meu caráter ou das circunstâncias, algumas das quais eu mesmo procurei. Quase sempre o fato de que isso acontece com os outros, para mim não é uma graça, um dom, mas parece quase uma confirmação de que os outros chegam onde eu não consigo chegar. É como se o fato de ver acontecer com outros não conseguisse eliminar duas fortes objeções. Primeiro: a dúvida de que a mudança e a felicidade que vejo em outros não sejam realmente o que eu desejo. Segundo: a dúvida de que, mesmo que seja isso o que eu desejo, nunca vou alcançar e nunca vou entender. Queria perguntar como essa posição pode mudar. Parece-me que, se uma coisa não acontece comigo não é o meu nome que é chamado, mas sempre o dos outros; como se também no Movimento a grandeza fosse só para alguns, não para todos. Porém, você falava da mudança que alguém vê no outro como se fosse uma possibilidade para todos”. Uma outra pessoa me escreveu a mesma coisa: “Que algo aconteça a um outro é um sinal de esperança para mim também: isso funciona na teoria até certo ponto, mas na prática não se sustenta porque para viver, eu mesmo preciso fazer a experiência”. Como é possível fazer experiência se não através de um outro? Como vocês fizeram a experiência em suas vidas se não através de um outro que estava diante vocês? Quem era Dom Giussani? Um anjo do céu? Ou era um outro através do qual acontecia, como dissemos na última Escola de Comunidade citando ele próprio, um “eco do acontecimento” no presente? Não há outro método! Acontece através de um outro porque este foi o método de Deus desde Abraão até hoje: escolher um para que através dele chegue aos outros. Então, não é que acontece aos outros e não acontece comigo, acontece comigo através dos outros, como sempre aconteceu. Ninguém estaria aqui – ninguém! – se não tivesse acontecido alguma coisa através de um outro. Portanto, a questão é se eu, quando vejo isso acontecer em alguém – quem quer que seja que o Mistério escolheu para chegar até mim –, continuo a argumentar que, como não acontece de acordo com a imagem que tenho de como deve acontecer, não acontece. Acontece! Tanto é verdade que dissemos que acontece com outros. Então, cada um deve tomar uma decisão diante do que acontece, porque quando o Senhor faz algo acontecer diante de mim, então é para mim! Todos nós já fizemos essa experiência, e achamos que a eliminamos dizendo que não vimos ou que, tendo acontecido com os outros, não aconteceu conosco. Aconteceu comigo porque me foi dado através de um outro; não há outra maneira. É o conteúdo das palavras de Jesus: “Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, nem se alguém ressuscitasse dos mortos vocês seriam persuadidos”. Aqui se joga toda a nossa posição diante da realidade: se nós nos deixamos realmente mover diante do que acontece. Jesus era a última coisa que poderia passar pela cabeça daqueles que viviam no

Seu tempo, como sendo um método escolhido por Deus para alcançar a todos. Todos devem olhar para este método. Há, também, uma outra questão que surpreende ainda mais: todo o acontecimento cristão está chegando a nós constantemente através da totalidade da vida da Igreja. Recentemente – mas acontece sempre –, uma pessoa me contou que diante de amigos que estão em dificuldades realmente grandes, ela citou um trecho da Bíblia e algo que ouviu o Papa dizer. Pareceria a coisa menos pessoal, a menos adequada ao problema pelo qual a pessoa à nossa frente está passando. E por que os cita? Porque essa resposta objetiva, que é o anúncio cristão, é a única que pode responder ao problema pessoal! Um exemplo evidente é o do maior limite que temos: diante da morte não há nada mais decisivo do que anunciar que Cristo ressuscitou (assim como, diante do nosso mal, não há nada a dizer a não ser: “Os seus pecados estão perdoados”). Digam-me se há algo mais pessoal, mais adequado às minhas necessidades do que o anúncio cristão! Por isso, me espanta que muitos de nós tenham reduzido o “dizer o meu nome” a um sentimentalismo que ninguém aguenta! E o pior é que esse sentimentalismo elimina da face da terra e da nossa vida o fato de que nós, todos nós – como dissemos na Jornada – fomos escolhidos: “É uma escolha objetiva que nunca arrancamos de nós, é uma penetração do nosso ser que não depende de nós e que não podemos nunca apagar [ ...]. Não existe nada de [ ...] mais revolucionário do que isso” (p. 24). Isto é o que é mais real, mais objetivo. E mesmo que neste momento pareça não me fazer vibrar como fez em outras ocasiões, não é menos verdadeiro, não é menos consistente, não é uma resposta menos adequada ao meu problema e à minha situação pessoal. Se não vibro, é porque trato o fato como “já sabido” e não me coloco diante dele com toda a minha necessidade, com tudo aquilo de que a vida é realmente feita, para ouvir toda (toda!) a resposta que o anúncio cristão traz consigo. Então, amigos, se não nos damos conta de que todos nós somos chamados pelo nome – voltaremos a isso nos Exercícios da Fraternidade –, verifica-se o problema colocado pela segunda carta que eu mencionei. Vocês entendem por que Dom Giussani chamava a nossa atenção para a questão da personalização da fé? Porque, se o anúncio cristão não se torna meu, serei sempre prisioneiro. Um de vocês me enviou: “Escrevo para contar sobre dois pequenos episódios que me aconteceram e que me perturbaram muito, porque depois de quarenta anos de Movimento descobri que ainda estou no início do caminho. Depois do trabalho, fui caminhar em uma rua da minha cidade. Havia muita gente. Num determinado momento, fui parado por dois jovens (acho que eram evangélicos) que queriam me falar sobre seu culto. Assim que percebi quem eram – quer dizer: não quem eram, mas o que eles queriam –, reagi com um certo cinismo: ‘Vocês dizem isso, mas eu encontrei Jesus, portanto vocês não vão conseguir me convencer, aliás, se vocês quiserem, quem pode lhes dizer a verdade sou eu’. Durou alguns minutos e me afastei satisfeito por tê-los despachado rapidamente. Mas, de repente, senti-me insatisfeito. O que falei sobre mim? Nada! Contrapus ideologia com ideologia. Depois de alguns dias, aconteceu o segundo episódio. Depois do trabalho, voltei para o hotel onde estou hospedado e parei para conversar com o porteiro; pergunto como está e ele me diz que está com dor nas costas. ‘Eu sei tudo sobre dor nas costas, sofro disso há quarenta anos!’, e lhe digo tudo o que precisa ser feito para melhorar a dor nas costas, e o que eu digo é tão verdadeiro que realmente o convence, mais do que aquilo que o médico havia dito. Fui embora satisfeito. Mas, a partir daquele momento, não fiquei mais tranquilo. Por que, sobre uma coisa banal – um problema nas costas – eu falei da experiência e, ao contrário, quando se trata de Jesus ou do Movimento, eu faço um discurso? Por quê? No entanto, estou certo daquilo que eu encontrei, não tenho nenhuma dúvida; mas faço um discurso. Embora tenha feito experiência, em vez de olhar para ela faço um discurso. Eu não posso acreditar! Isso aconteceu há quinze dias, mas eu não consigo ficar em paz [eu entendo]. Realmente você tem razão quando diz que é preciso decidir seguir Dom Giussani e segui-lo primeiramente no seu método. Por que não faço referência à experiência, mas teorizo?”. Porque muitas vezes não é verdade que fazemos experiência. E, por isso, outra pessoa escreve: “Como é que se faz para que a experiência de Madalena se torne caminho? Porque, comigo, é como se todas as manhãs eu precisasse mendigar novamente a mesma experiência para poder viver e no dia seguinte percebo que continuo tendo a necessidade de mendigá-la, mas entre as duas experiências há sempre um vazio assustador de escuridão, e a única esperança de encontrar alguém com aquelas características sem par é uma necessidade da vida. Como se tornou caminho para você?”. Aqui,

amigos, nos encontramos diante de uma questão fundamental de método, porque se nós não fazemos experiência, no final não temos nada para comunicar a nós mesmos e aos outros, além de um discurso. Quando falamos de sentir-se chamados pelo nome, nós fizemos experiência disso ou não? Ou é apenas um discurso sobre outra pessoa e não tem a ver conosco? Por que isso é decisivo? Porque sem isso, aquilo que vivo não aumenta em mim a certeza e, por isso, estou sempre à mercê de todo o resto. Pelo contrário, Dom Giussani sempre nos disse que a experiência é viver aquilo que me faz crescer, não há experiência se eu não cresço na autoconsciência de mim. Desculpem se insisto. Na semana passada, durante uma reunião dos universitários, uma menina contou sobre uma amiga que se colocou na Escola de Comunidade que fazem na faculdade, falando sobre o serviço social que prestava (de assistência médica e de higiene) para prostitutas, e todas elas recusavam o serviço. “Cansei-me de receber respostas negativas, então, a uma delas eu simplesmente perguntei: ‘Como você está?’. A partir daí, começamos a conversar, eu a convidei para tomar um café e consegui, pelo menos, entrar em um relacionamento, e no final, ela aceitou o que eu lhe oferecia”. A garota que conduzia a Escola de Comunidade lhe perguntou: “Você não percebeu que você era uma presença?”. E a outra continuou: “Depois, tive uma conversa com outra prostituta, que me disse: ‘A vida é sempre terrível’ e, diante disso, eu não soube o que dizer”, reconhecendo não ter sido uma presença. Então, interrompi a história e disse para a amiga que conduz a Escola de Comunidade: “Você errou. Por que aquela menina tinha perfeitamente razão em dizer que não era uma presença? Primeiro, porque não tinha feito experiência. Se outra pessoa precisa lhe dizer para se dar conta, quer dizer que aquilo que viveu não foi julgado. E, portanto – diz Giussani –, não é uma experiência. E qual foi a prova que mostrou que ela não tinha crescido, isto é, que não tinha feito uma experiência verdadeira? É que quando a prostituta disse a ela que a vida era terrível, ela não tinha nada a dizer”. Nós, em muitas ocasiões, não sabemos o que dizer! Por isso, temos aqui uma questão da qual precisamos tomar consciência porque, cito Giussani, “a ‘experiência’ caracteriza o fato do *dar-se conta de crescer*” (*Educar é um Risco*, Edusc, Bauru, 2004, p. 87). Por isso, é necessário que cada um se dê conta do que acontece em sua vida, comparando com as necessidades do coração, caso contrário não crescemos, podemos ficar vinte ou quarenta anos no Movimento, mas de modo formal. Por isso, Dom Giussani diz textualmente: “A nossa companhia, ou se torna experiência ou realmente se torna perigosa: porque quem está nela, está como um cordeiro” (*Certi di alcune grandi cose. 1979-1981*, Ed. Bur, Milão 2007, p. 249). O que isso significa? Que não nos ajuda a crescer e, portanto, como não crescemos na autoconsciência, é impossível que isso nos permita, depois, estar diante da realidade, com todos os seus desafios. Na verdade, qual é o sinal dessa falta de autoconsciência? Como dissemos nos Exercícios, a desorientação diante dos desafios da vida. Porém, nem sempre é assim e, de fato, existem testemunhos de como é possível enfrentar os desafios da vida quando se faz experiência.

**Colocação:** *Há pouco mais de um mês, meu quarto filho, Giacomo, nasceu, e depois de 19 horas de vida subiu ao céu porque tinha uma má-formação grave, a mesma que teve minha primeira filha, nascida e morta 11 anos atrás. Quando soube disso, no terceiro mês de gravidez, fiquei literalmente desesperada, me parecia uma grande injustiça e desta vez eu realmente pensei em interromper a gravidez de tanta raiva que eu sentia de Jesus, sentia-me fraca e incapaz de levar adiante mais esta prova. No entanto, nada me correspondia, nem interromper a gravidez, nem levá-la adiante moralisticamente. Sentia-me em uma armadilha e ecoava na minha cabeça e no coração a pergunta que você colocou nos Exercícios: “O que permanece do fascínio por Cristo?”. Eu o tinha perdido e o estava buscando. Embora estivesse completamente desesperada, eu tinha o pedido, um pouco incerto e débil, de que nada fosse perdido e de reconhecer naquilo que estava acontecendo um Pai que tinha um desígnio bom para mim. Felizmente, um ginecologista, amigo muito querido, me disse que eu poderia ir conversar com o Arcebispo da minha cidade sobre a minha quase-decisão de abortar. Realmente acredito que foi através desse médico que Jesus me chamou da primeira vez, delicadamente, mas já era um chamado. Eu aceitei o conselho e, assim, aconteceu o encontro com o Cardeal, e foi um encontro muito forte, não só pelas palavras que ele nos disse, mas pelo abraço, pelo olhar, pela certeza que nos transmitiu. Quando fomos embora,*

tanto eu quanto meu marido sabíamos que tínhamos encontrado Jesus, que a partir daquele momento não estávamos mais sozinhos e que o nosso limite e nossa dificuldade não seriam uma objeção à verdade. Fui olhada e, então, eu vi, como disse Santo Agostinho e como você nos disse. Comecei a ver a realidade não através da ferida aberta, mas através daquilo que eu poderia receber de Jesus se apenas seguisse em frente. E, a partir daí, vivi uma superabundância de presença, na carne, nos rostos, nas palavras dos amigos e de toda a Igreja, e era um abraço de forma alguma sentimental, mas que me curou, me fez mudar a maneira com a qual costumava estar diante da realidade, fazendo com que ela se tornasse amável e não apenas algo para ser suportado de modo sufocante. Porém, quando durante um ultra-som feito no quinto mês apareceu claramente que Giacomo não só não melhorava, mas, ao contrário, aumentava a sua má-formação, de repente, eu perdi o equilíbrio. Naquele momento, entendi que, enquanto eu queria que meu filho fosse saudável, Jesus o amava como ele era, e eu me senti péssima, como uma criança diante de seu pai quando percebe que ele já tomou a decisão. No entanto, na dor sufocante daqueles dias eu não pedia mais o milagre da cura, pedia apenas que Jesus não me deixasse, que continuasse a me dar a Sua força. Precisava apenas de Jesus, mais do que de um filho saudável porque entendi que sem Ele eu naufragaria dentro da minha ferida. E nos meses seguintes, até o dia do parto, continuei pedindo que me mostrasse o Seu poder e a Sua ternura. Dizia exatamente essas palavras em minhas orações. E agora que Giacomo nasceu, acredito que Jesus respondeu totalmente a esse meu pedido. Naquelas dezenove horas de vida, de fato, Jesus dominou naquele quarto de hospital, tanto que não só os nossos amigos, mas médicos, enfermeiras, obstetras, pessoas descrentes, todos queriam participar, maravilhados com esta vida, e nos agradeciam continuamente, e eu e meu marido ficamos surpresos com aquilo que Jesus, através de um pequeno recém-nascido gravemente doente, estava gerando ali no hospital, um ambiente dominado pela cultura do descarté. Giacomo existia e parecia dizer: “Eu nasci e agora eu estarei com vocês para sempre”. E, depois, eles olhavam para nós, uma mãe e um pai que, em sua ideia, deveriam estar destruídos pelo desespero. Mas em vez disso, estávamos real e inexplicavelmente muito felizes, porque gratos e comovidos por esta vida inesperada. No fundo, tenho certeza de que todos, entrando naquele quarto, eram agarrados por Jesus; conscientes ou não disso, Jesus agarrou e dominou todos. Sem que nós fizéssemos nada, Ele transfigurou a realidade. Quando você fez uma assembleia em nossa cidade, meu marido convidou a enfermeira chefe, que não é do Movimento, porque queria que ela conhecesse o lugar que nos gera e que nos permitiu aderir à realidade desse modo. Ela veio, e se moveu, e me disseram que agora ela não é mais a mesma pessoa, no hospital. Na verdade, ela e alguns médicos propuseram a formalização de um processo de acompanhamento para crianças como Giacomo, algo absolutamente impensável antes, porque crianças como Giacomo, na cultura dominante, não deveriam sequer nascer. Agora, voltando à rotina da vida cotidiana, certamente me sentirei outra vez presa na realidade, mas felizmente fiz a experiência dessa Sua vitória e dessa sua Presença carnal através do rosto dos meus amigos, ao qual aprendi a dar o Seu nome, e isso será sempre o ponto de onde recomeçar. Essa certeza, que antes era débil e sempre suscetível, é o maior presente que Giacomo deixou-me e do qual serei eternamente grata.

**Carrón:** É Ele que transforma a realidade gerando uma presença assim.

**Colocação:** Permito-me intervir sobre o que nos contou nossa amiga – peço que me desculpe se eu o faço –, embora um pouco solicitado por aquilo que você disse no início: o que acontece a um outro de verdadeiro, acontece comigo. Então, queria dizer uma coisa que aconteceu comigo agora, enquanto ouvia essa história. Eu acho que, pelo menos para mim, o que ela contou agora é o exemplo mais significativo, mais sinteticamente agudo, eu diria, de todo o conteúdo da proposta da Jornada de Início de Ano. Em resumo, tudo está aí, especialmente o fato de que para mim elimina qualquer resquício de suspeita de que a presença nasça, comece com uma iniciativa nossa, quase como se existisse o olhar de um Outro – Cristo me chamou pelo nome – mas, depois, seja minha responsabilidade “gerar” uma presença. O que me impressionou foi o fato de ver que ela e seu marido não tinham o “problema” de testemunhar aos outros, mas de viver essa situação. E para poder vivê-la, procuraram o único apoio que poderia permitir-lhes isso, isto é, aquilo a que eles

*pertencem, o juízo da fé. E o que me impressiona em tudo isso é que a pessoa se torna instrumento de algo inimaginavelmente maior porque o busca, não porque deve explicar aos outros, mas porque o busca, porque é essencial para a vida. Estamos certos de alguma coisa e talvez essa certeza seja inicialmente frágil, e Deus dá as circunstâncias para que cresça, para que seguindo-O dentro da circunstância, eu possa aprender a amá-Lo. Então, aprendo a amá-Lo e, amando-O, reconhecendo o seu rosto que pouco a pouco torna-se mais claro, eu aprendo a amar aquele recém-nascido pelo que ele é e não por aquilo que deveria ser. Amo-o pelo seu destino. E outros, que veem isso, começam a desejar também serem capaz de amar assim (por isso a pessoa começa a ter a ideia de formalizar um caminho de acompanhamento para crianças como Giacomo). Ou seja, esse amor é desejável porque o que torna um gesto grande não é a circunstância dramática, não, o que torna grande um gesto é aquilo que ela disse, que a pessoa aprende – aprende! – a amar Cristo e, aprendendo a amar Cristo, aprende a amar tudo. Através de tudo o que é dado, ama mais a Cristo e, depois, ama tudo. Lembrei-me daquilo que eu li nas primeiras páginas de A Vida de Dom Giussani: o que dá gosto à vida, o que nos torna grandes, é estar “misturados” com ele, ou seja, ser do mesmo material, que é também aquilo que toca os outros. Podemos tentar mostrar o que queremos, mas o que toca é aquilo que é profundamente verdadeiro para nós, o que gera uma certeza em nós.*

**Carrón:** O que a nossa amiga nos contou é um exemplo de que, quando a vida urge, o que é necessário é viver todo o alcance do anúncio cristão que nos foi feito. É aderindo a isso que se pode estar diante das circunstâncias. É através da circunstância que cresce o amor a Cristo, porque é a verificação de que Cristo nos sustenta. Não nos sustenta “antes”, nos sustenta “dentro” da circunstância. Se a pessoa não faz experiência disso, troca Cristo pelo discurso. O que nos faz passar do discurso à presença é o fato de que o vemos acontecer ali, nos apoia ali, no meio do problema. E o que isso tem como desenvolvimento (para ver como tudo está ligado com a Jornada de Início de Ano)? Que aparece uma presença que se coloca na realidade, não fora dela. Vivendo a vida, a pessoa coloca ali, no meio dos médicos, da enfermeira chefe, dos outros enfermeiros, das pessoas que estão em volta, uma modalidade diferente de viver a realidade, que é realmente uma perturbação, não porque acrescenta algo ao que existe, não, mas simplesmente porque coloca diante de todos uma diversidade desejável. Alguns do hospital vieram, depois, à assembleia da cidade só para ver a origem daquilo que tinham visto nela. Um deles ficou um pouco irritado e, no final da assembleia lhe disse: “Por que você não me disse que era necessário para pagar o fundo comum?”. Sem sequer pertencer ao Movimento! Porque era a primeira vez que ouviam falar do fundo comum, nos avisos. Alguém que participa de algo desse modo, mesmo que não tenha acontecido diretamente a ele, experimentou algo para si, sim ou não? Se não, como é possível que tenham ido a uma assembleia nossa, mesmo sendo pessoas diferentes tanto na cultura, como na mentalidade e no pensamento? Então, como é possível gerar uma presença? Somente por causa da fé. Por nenhuma outra coisa, nenhuma! Digam-me se qualquer outra coisa teria podido gerar uma presença na realidade que fosse mais desafiante! Digam-me alguma outra estratégia que possa realmente mover o coração, desafiar a razão, as pessoas que estão em posições opostas, se não uma coisa assim! O que é uma presença? Quando acontece é muito fácil reconhecê-la. Então, em que esse testemunho corrige a imagem que temos de uma presença? O que precisamos aprender sobre a origem que gera uma presença assim? Porque a coisa surpreendente é que como nos impressiona, também impressiona os outros, não é que nós precisamos de uma coisa e os outros, de outra: é a mesma necessidade, idêntica.

Nós não precisamos de mais nada, exceto comer e beber, viver e morrer. Essa é uma Presença que “perturba” o ambiente. Aqui vemos que, sem precisar acrescentar nada, o testemunho simples de um modo de enfrentar a realidade, de viver uma circunstância, é o que todos estão esperando. Porque a presença não é aquilo que decidimos. A presença é aquilo que é, todos veem e reconhecem, os que estão dentro e os que estão fora, não há uma presença “para nós” e outra “para os outros”. Quando há uma presença, todos a reconhecem. Então, a questão é: como viver assim? O que torna possível que eu, vivendo a vida como ela se apresenta, com todos os desafios que me

apresenta, coloque na realidade uma diversidade? Caso contrário, ninguém se interessará pela nossa presença. Porém, quando vivemos os desafios de todos tendo nos olhos o que nos aconteceu, colocamos no mundo uma presença que todos desejam. Depois, cada um decidirá como responder ao desafio de ter visto essa presença. Essa é uma tarefa de cada um, não importa quem, assim como também é a nossa. Esta é uma presença que não deixa ninguém indiferente. Sem polêmica, simplesmente pelo fato de se colocar. É isso o que Dom Giussani está tentando nos fazer entender quando fala da personalização da fé. Por que nos interessa a personalização da fé? Porque senão nós não podemos fazer experiência disso. E em quê se vê isso? Como repetimos nos Exercícios, como podemos ver que não aconteceu em nós essa personalização? Por causa da confusão do adulto diante dos acontecimentos da vida. A questão é: queremos aprender a estar na realidade desse modo em todas as circunstâncias de trabalho, da família, com os filhos, os amigos, ou simplesmente reduzir tudo a uma série de episódios sensacionais, mas sem história? Esta me parece uma questão decisiva, e é aquilo a que o Papa está constantemente nos propondo: quando nos convida a despertar a vida da fé em nossos contemporâneos, o que ele quer dizer? Suscitar perguntas, como no início do caminho da Igreja. Por que vivem assim? Por que uma mãe pode viver assim? Quer dizer, o que os leva a agir assim? São perguntas que levam ao coração da evangelização, da missão: testemunho da fé e da caridade. Aquilo de que precisamos, especialmente nestes tempos, diz o Papa, são testemunhas credíveis, não pessoas antes de mais nada coerentes. Pessoas que, vivendo os desafios da vida, com a pobreza de todos, mancando como todo mundo, que às vezes erram, se colocam na realidade de um modo diferente. E, despertam, assim, a atração por Jesus Cristo.

Isso introduz uma outra questão, que surgiu em muitas cartas, como nesta: “Quero entender o que a palavra presença significa quando você diz que precisamos “apurar e depurar [...] porque a presença está na pessoa, única e exclusivamente na pessoa” [diz Giussani]. Não entendo o que significa “apurar e depurar” e, especialmente, me interessa a ênfase colocada na pessoa, no fato de que a presença está na pessoa, única e exclusivamente na pessoa. Eu sou da geração da “utopia” e, ainda, quando ouço falar sobre essa ênfase na pessoa, sinto uma coisa estranha, como se a minha pessoa não fosse suficiente. Talvez aqui, a ênfase sobre a pessoa signifique, como ele diz depois, a clareza de consciência que se chama fé [efetivamente é assim], a inteligência que identifica aquilo no qual tudo consiste. Eu percebo que, na vida, frequentemente estou cheia de respostas, mas não de perguntas, e que estas respostas não me levam a uma certeza, uma clareza de juízo, não me levam a consistir da Sua presença a cada instante. Porém, a vida, depois, se rompe e abre feridas através das quais Cristo possa passar [muitas vezes, achamos que as circunstâncias estão contra nós, mas são a possibilidade através da qual Cristo pode entrar, passar] e percebo que através de tudo isso Cristo está me perguntando: “Em quê você consiste? O que realmente lhe interessa?”. Outra carta diz: “Retomando a segunda parte do texto, encontrei um repetido chamado à nossa unidade, quase como se fosse um sinônimo do Mistério de Cristo, não entendida como um chamado à coerência e à consistência de uma organização, mas mais como condição existencial para fazer a experiência de uma presença”. O que significa que uma presença assim está na pessoa? Talvez precisemos corrigir Giussani? O que quer dizer que toda a presença está na pessoa? Muitas vezes, como diz a carta, isso é percebido como se fosse algo completamente individualista. Porém, o que significa que a pessoa é construída no relacionamento com a comunidade cristã e que a comunidade é o lugar da geração da pessoa?

Por que é possível que alguém esteja sozinho fazendo um gesto, embora ninguém ache que seria possível fazê-lo sozinho, tanto que muitas pessoas dizem: “Onde você aprendeu isso? Como você é capaz de fazer assim?”. E então a pessoa, se é leal, deve se referir ao lugar que gerou essa sua postura. Por isso, Dom Giussani diz: a companhia está no eu. Não posso separar minha identidade deste lugar que me gera, porque o eu que cada um de nós é não seria o que é agora se não pertencesse a um lugar. Nesse sentido, a comunidade contribui para a construção da nossa pessoa. E pode se exprimir, depois, em certos gestos, de modo comunitário ou pessoal. Mas o modo pessoal não é individualista, porque não haveria pessoa histórica com aquele rosto e com aquele modo de estar na realidade se não pertencesse àquele lugar. Muitas vezes, se estamos sozinhos no trabalho, pensamos: “Como eu estou sozinho, o que posso fazer, como posso testemunhar?”. Não! Você

nunca está sozinho, nunca estamos sozinhos, porque uma pessoa pode mostrar uma diversidade de vida que faz nascer nos outros a pergunta: “Por que você é assim?”. E para responder a essa pergunta a pessoa precisa se referir ao lugar ao qual pertence. Ou seja, o eu carrega toda a comunidade. Podemos expressá-lo de uma forma ou de outra, mas a origem é sempre este lugar.

E isso é tão decisivo que acontece também com pessoas que você não escolheu, e até com pessoas com quem você não simpatiza, mas sem elas você não seria assim. A questão não é de simpatia sentimental – mais ou menos simpatia –, a questão é que exista um lugar objetivo que constantemente me regenera, porque sua vida se nutre constantemente dos testemunhos de muitas pessoas – independente de serem simpáticas ou não –, daquilo que lhe testemunham, daquilo que fazem você ver, daquilo ao qual lhe introduzem. E você fica agradecido por ter pessoas que o acompanham desse modo ao destino. A questão é se esta unidade, que nos constitui, depois, determina existencialmente a vida. O que determina a vida é se há algo de objetivamente presente pelo qual você vê que – independente de tantos limites –, de fato, pertencer a esta unidade o constrói, é decisivo para você. Se não formos até o fundo no por quê vale a pena uma pertença assim para a construção da nossa vida, quem nos fará ficar no Movimento? Se não conseguimos compreender o alcance dessa unidade, acabaremos afirmando a unidade de modo formal, e bastará um pequeno inconveniente para mandá-la para aquele lugar, e isso só porque a pessoa não entendeu o que está em jogo nessa unidade.

Isso fica evidente naquilo que nos foi testemunhado esta noite: a mãe de Giacomo, mesmo sendo ela a carregar o drama, não é a origem da presença, a origem da presença é o lugar constitutivo onde o seu eu é constantemente gerado. Por isso, cada um deve olhar para a própria experiência e ver se pode conseguir essa geração sozinho. O “nós” faz parte da definição do eu, ninguém está aqui sem ter que admitir até que ponto o seu eu histórico foi gerado em um lugar que o constitui. E isso nos faz entender de um modo real, histórico, qual é o nexos entre a presença na pessoa e o local onde a pessoa é construída, a unidade à qual pertence para a construção dessa pessoa que cada um de nós é. A comunidade não é um ornamento ou um chapéu, mas é o lugar decisivo da geração de cada um de nós. Dizer “eu”, mesmo quando se está sozinho, não quer dizer algo concebido de forma individualista, mas quer dizer, como testemunhou a mãe de Giacomo, que quando as pessoas veem o que viram nela, querem conhecer o lugar onde ela mesma foi gerada. Está tudo na pessoa; onde eles viram foi nela, mas ela não pode ser separada do lugar gerador. Dizer “eu”, mesmo quando se está sozinho, não pode acontecer sem que o eu tenha dentro o nós, o lugar que o gerou e que o gera constantemente. Como Giussani diz, a primeira companhia está no eu. Não posso separar minha identidade deste lugar. Por isso, pertencer a essa unidade é crucial e não está em contraposição com o eu. Depois, se acontecer de podermos dizê-lo juntos, o diremos juntos. Se for necessário, como neste caso, dizê-lo pessoalmente, o diremos pessoalmente. Muitas vezes a pessoa pode estar sozinha no local de trabalho, mas isso não significa que ela está isolada, uma vez que é definida pelo pertencer. Porque, então, mesmo ali, despojada de tudo, pode testemunhar o lugar que a está gerando constantemente. E isso pode ser visto na diversidade que essa pessoa vive. Então, se nós tentamos entender as ligações ao invés de contrapor as coisas, talvez nos ajudemos a entender, porque, se alguém é tão “presença”, é só porque pertence a um lugar que constantemente o gera e o constrói. E isso é fundamental para a pessoa, que depois, se coloca inteira diante da realidade.

***Colocação:** Eu queria contar um episódio em que percebi que meu juízo tinha mudado. Veio trabalhar comigo uma pessoa do Movimento que já tinha estado em outro lugar onde fez uma experiência muito bonita. Depois ela chegou, pouco a pouco foi se evidenciando uma grande irritação devido a uma total falta de correspondência entre o que ela via e o seu desejo, realmente de maneira exagerada: tudo era ruim. No início, limitei-me a tentar interromper, suavizar, enfatizar os aspectos bons, que tenho convicção de que existem. Com o passar do tempo, essas críticas tornaram-se cada vez mais severas. Isso causava um grande escândalo nessa pessoa. Quando conversávamos sobre isso, eu sentia que ela me acusava implicitamente pelo fato de eu afirmar a existência de alguma coisa boa ali, como se para mim não houvesse nada de errado. Quando essa conversa tornou-se explícita nesse ponto, dentro de mim nasceu uma grande objeção ao seu juízo,*

*porque eu entendia bem que não querer destruir é diferente de ser conivente. E, pensando sobre a história que eu tinha vivido no trabalho, com todas as dificuldades, com todo caminho percorrido para construir algo bom, dava-me conta de que essa era a realidade que me tinha sido dada para cuidar e fazê-la crescer para a glória de Jesus. Por isso, a pessoa não pode deixar de amar a realidade que tem em sua volta. Lendo o livro “Vita di don Giussani”, um trecho realmente me marcou: Monica della Volpe, aquela que se tornará a abadessa de Valserena, conta como foi a história de seu encontro com o Movimento. Ela vai a uma reunião em Varigotti, fica impressionada, cede depois de certa hesitação, mas quando retorna para casa, fica novamente envolvida no seu ambiente e volta a dúvida. Então, o amigo que a convidara para a reunião de Varigotti convida-a para ir a Milão, e ela vai. O texto diz: “Não sei como, ela consegue se infiltrar em um almoço de jovens responsáveis com Gius, em um restaurante. ‘Eu os vejo todos lá: pequenos, ansiosos por receber uma palavra, um olhar do responsável. Insuportáveis. Então, vi Giussani diante de um prato de alcachofra crua, com molho. Ele começa a tirar as folhas, uma a uma, as come e exclama: “Ah, como está boa esta alcachofra! Como está boa esta alcachofra!”. Como é diferente dos padres que conheço em Bolonha! Ao mesmo tempo, Giussani ‘olha para aqueles olhos, faz piadas, comentários entre irônicos e carinhosos, zomba deles... e, de repente, entendo: ama a todos! Conhece-os perfeitamente, os vê perfeitamente, tão pequenos quanto os vejo e ainda mais, mas ele ama todos e a cada um, apaixonadamente, como um pai’”. Ao ler isso, senti imediatamente um contragolpe, porque é esse juízo que descobri em mim, isto é, uma capacidade diferente de olhar para a realidade. Perguntei a mim mesmo: tudo bem, mas, o que isso gerou em mim? Eu percebi que foi um desejo, sincero e disponível, de que a presença de Jesus se manifestasse mesmo onde as coisas acontecessem de um modo que não me agradava, onde eu não esperava. Um desejo que era real, e disponível...*

**Carrón:** Disponível a quê?

**Colocação:** Disponível a que fosse diferente do que eu tinha imaginado.

**Carrón:** Quer dizer, disponível a um desígnio...

**Colocação:**...que era diferente do que eu tinha em mente.

**Carrón:** Desígnio que pode se desenvolver ao longo do tempo, e não entrar como um elefante em uma loja de cristais. Porque muitas vezes ficamos impacientes diante de como as coisas acontecem, na realidade ou em nós. Leio, por isso, uma outra carta: “Vejo que muitas vezes eu não mudo, não altero minha maneira natural de olhar para mim, e começo todas as manhãs a partir das minhas pretensões e de uma redução de mim mesmo, e esse novo olhar deve sempre vir novamente de fora. Como é possível o seguimento, o seguimento verdadeiro capaz de mudar o fundo do meu coração e do meu olhar, de modo que eu possa realmente me olhar assim sempre?”. Quando acontece isso, a quem culpamos? Devemos culpar alguém? Devemos culpar a nós mesmos! Aqui, Giussani entra com o olhar com o qual nos olhou, com o qual olhou para aqueles meninos durante o almoço, porque o tempo faz parte do desígnio de Deus, e é só se tivermos a paciência de seguir que poderá acontecer, como conta este amigo: “Podemos perceber no pequeno detalhe da nossa vida essa concepção da nossa pessoa, que é tal somente porque há Alguém que repete o nosso nome, caso contrário, ainda estaríamos no canto chorando pelo fato de estarmos vivos. Não é uma abstração, é uma experiência antes de uma concepção, e exatamente disto nasce uma autoconsciência de nós mesmos que é como aquela que nasceu em Maria, que não pôde mais olhar para si como antes, mas inteiramente determinada por aquele “Maria!”. Minha vida mudou nas pequenas coisas, exatamente assim. Sempre tentei evitar olhar para o que me acontecia, não queria olhar para as circunstâncias que me feriam e, as que me incomodavam mais, fingia que não existiam [este é o ponto: podemos estar aqui, no fundo, fugindo constantemente do que acontece], seguia em frente com braço levantado na frente dos olhos tentando não ser atingida ou, pelo menos, o mínimo possível. Mas algo mudou quando meu marido começou a mudar. Ele começou a fazer Escola de Comunidade com alguns colegas, começou a olhar para mim de um modo diferente, eu não sentia mais a necessidade de me defender constantemente dele e eu também comecei a mudar [é o método de Deus, muda o marido antes de mudar você: concedemos ao Mistério essa possibilidade ou não?]. E eu também comecei a ir à missa quando podia, quando o trabalho, os filhos e os vários

compromissos permitiam, porque eu não podia deixar de agradecer-Lo por este presente. Depois, meu marido me apresentou aos seus amigos e fiquei maravilhada e fascinada com maneira com que eles se olhavam e olhavam para mim. Na simplicidade de um gesto qualquer havia a busca por Jesus, o que dizia a suas vidas, como estar no trabalho, na escola dos filhos, nas férias, em tudo. Tudo era abraçado, olhado, julgado, às vezes com preocupação por causa de escolhas difíceis, mas nunca censurado. Comecei a ir à missa não só agradecendo, mas pedindo que isso também pudesse acontecer para mim, que eu pudesse vê-Lo cada vez mais. Enfim, neste verão aconteceu a surpresa maior, quando meu marido me disse: “Como eu gostaria que também entre nós houvesse este nível de profundidade de olhar para Cristo!”. Não pude mais resistir. Não pude mais me olhar sem me sentir chamada pelo nome [através do que tinha acontecido com o outro!]. Agora tenho uma grande certeza: mesmo quando eu caio, quando tudo parece contrário ou estou com raiva de tudo e de todos, tenho para quem olhar para levantar os olhos novamente. Não há uma dúvida constante da beleza que entrevi, como acontecia antes. Fui chamada pelo nome, não posso mais arrancar isso de mim e sinto cada vez mais frequente e mais potente a necessidade de ajoelhar-me diante do Senhor e pedir-Lhe tudo. Porque a evidência da minha inadequação, do meu erro, do meu limite não é mais a última palavra sobre mim, o que vence é a certeza de ser sempre abraçada novamente e perdoada por Aquele que me desejou e me doa cada instante”.

## AVISOS

A próxima Escola de Comunidade [com Carrón] será realizada quarta-feira, 18 de dezembro às 21h30. Nós continuaremos – não tenhamos pressa! – o livro *Na origem da pretensão cristã*, o surpreendente oitavo capítulo: “A concepção que Jesus tem da vida”, um capítulo muito rico e em continuidade com o que vimos dizendo nessas últimas Escolas de Comunidade.

Está disponível o **Cartaz de Natal**, que apresenta uma imagem do *Presépio*, de Federico Barocci (Pinacoteca Ambrosiana), e dois textos: do Papa Francisco e de Dom Giussani.

“O encontro com Cristo, o deixar-se conquistar e guiar pelo seu amor, alarga o horizonte da existência, dá-lhe uma esperança firme que não desilude. A fé não é um refúgio para pessoas sem coragem, mas a dilatação da vida. A fé não é luz que dissipa todas as nossas trevas, mas lâmpada que guia os nossos passos na noite, e isto basta para o caminho. Ao homem que sofre, Deus não dá um raciocínio que explique tudo, mas oferece a sua resposta sob a forma de uma presença que o acompanha”. (Papa Francisco).

“O cristianismo é o vínculo que Cristo estabelece com você, não que você estabelece com Cristo [vocês podem substituir “vínculo que Cristo estabelece com você”, por “chamar pelo nome”, há alguma diferença?] [...]. Pode ser que você não O tenha olhado no rosto até um minuto atrás, e Ele estabelece um vínculo com você; pode ser que você não O olhe no rosto por mais trinta anos, e daqui a trinta anos Ele estabelece um vínculo com você. A decisão pela existência é o sim que você diz ao vínculo que Cristo tem com você, como homem, como homem ferido, ferido de morte. O eu se torna protagonista quando sabe pelo que vive, quando reconhece o seu destino, à espera do qual, de um lado, você batia os pés na entrada, entre o frio e o gelo, e de outro, pressentia o calor que emanava de dentro da casa”. (Luigi Giussani).

Começou a campanha de assinaturas de **Passos**. Não é por acaso que o *slogan* é: “Dê um presente de amigo”: dar uma assinatura da revista é uma das maneiras simples de tornar a nossa experiência conhecida aos amigos, colegas e assim por diante. É uma maneira de comunicar às pessoas aquilo que temos de mais caro. Por isso, eu recomendo que cada um pense nas pessoas que gostaria que conhecessem nossa experiência, para colocar em suas mãos um instrumento através do qual possa chegar a elas ainda que uma migalha do que recebemos, como se “tocassem o manto”.

Acolhendo o apelo do Papa Francisco, Comunhão e Libertação promoveu **uma coleta extraordinária de fundos em favor do povo das Filipinas** afetado pelo tufão Haiyan. Os recursos recolhidos serão utilizados para participar da caridade do Papa que, através do Pontifício Conselho *Cor Unum* apoia as obras de assistência às vítimas das enchentes e das pessoas retiradas de suas casas, e também para as necessidades eventuais dos amigos do Movimento afetados pelo tufão. No site de CL vocês encontram as indicações para doação.

Lembro a vocês de rezarem todos os dias pelo papa Francisco, como escrevi na carta depois da audiência que tive com ele.

*Veni Sancte Spiritus*